



O DISCÍPULO

Quando Narciso morreu, a taça de água doce que era o logo dos seus prazeres, converteu-se em taça de lágrimas amargas e as Oréadas vieram carpindo pelos bosques a fim de cantar para ele, consolando-o.

E, quando perceberam que o lago se transformara de taça de água doce noutra de lágrimas amargas, desgrenharam as tranças verdes dos seus cabelos e disseram:

- Não nos admiramos de que pranteéis Narciso dessa maneira. Ele era tão belo!

- Narciso era belo? - indagou o lago.

Quem o sabe melhor do que vós?
- reponderam as Oréadas. Ao cortejar-vos, ele nos desprezava debruçado às vossas margens mirando-vos, e, no espelho de vossas águas, contemplava a própria beleza.

E o lago retrucou:

Eu amava Narciso porque, quando ele se debruçava sobre as minhas margens para contemplar-me, eu via sempre refletir-se no espelho dos seus olhos a minha própria beleza.

■ EXTRAÍDO DO LIVRO "POEMAS EM PROSA E SALOMÉ" DE OSCAR WILDE

Identidade

Este número do nosso jornal que agora você tem em mãos, cumpre o objetivo de trazer à categoria dos profissionais psicólogos, uma primeira reflexão acerca da
IDENTIDADE DA CATEGORIA.

Os textos de autoria de Célio Garcia, José Newton Garcia de Araújo e Ítalo Furlatti - aos mesmos o nosso muito obrigado - contribuem enormemente para uma reflexão que não se limita a uma particular organização profissional. Remete o singular ao coletivo, o micro ao macro, transcende do indivíduo ao social, Esperamos com essa abordagem o despertar de interessados na formação de grupos específicos, para assumir a direção de nossa entidade, já que realizaremos até o final do ano, eleições para o período 95/97.

*Recomendamos a leitura atenta dos psicólogos, sindicalizados ou não, porque a mesma temática será objeto de palestras por ocasião do **DIA DO PSICÓLOGO.***

Identidade sem Identidade

CÉLIO GARCIA

PSICANALISTA
AUTOR DO LIVRO "PSICANÁLISE POLÍTICA E LÓGICA" EDITORA ESCUTA

Encontramos uma teoria da identificação/identidade em Freud (veja-se capítulo VII de "Psicologia das massas e análise do ego") onde decididamente não é a imitação nem o reconhecimento que fundam o relacionamento entre os homens. A identificação é apropriação de um traço distintivo por força de uma alteração de outrem. Evitamos o termo outro, pois em Psicanálise encontramos em vez do habitual objeto, uma marca inconsciente que não permite que não permite a objetificação. No inconsciente não há representação do outro. A operação aqui nomeada identificação se faz no espaço psíquico de um só e mesmo indivíduo e não entre dois semelhantes, vizinhos, ou irmãos. A identificação se faz graças a um jogo entre o sujeito e essa marca, esse jogo faz com que essa marca barre o ser do sujeito, fazendo do sujeito falta-a-ser, fazendo desse ser o que falta à marca para completar o Um do sujeito. Em outros termos, por ser dividido, o sujeito não poderia ser idêntico a si mesmo. Pelo contrário, temos aqui condições para questionar essa identidade a si. Uma vez estabelecido esse princípio teremos dificuldades quando quiséssemos constituir com esses sujeitos um conjunto uniforme como é fácil admitir, não haveria problemas se concebéssemos a formação de um conjunto com indivíduos cuja identidade a si estivesse assegurada.

Bastaria para isso afastar do conjunto que se quer formar os indivíduos que não fossem conforme à identidade exigida contrariamente ao que se poderia crer, o problema não é reunir num só conjunto, num só problema vem a se constituir esse UM conjunto. UM povo a partir de sujeitos divididos em si mesmos quanto a sua identidade. Como fazer UM elemento não-idênticos a si? Esse problema a identificação, na sua acepção ingênua tratará de resolvê-lo. Assim esse problema é considerado resolvido na vida dos grupos e noções quando supostamente os indivíduos se inscrevem a partir de critérios ideais. Os que não correspondem a esses critérios serão excluídos, assim estaria estabelecida a identidade dos sujeitos. Sabemos que há uma outra realidade onde a identidade a si do sujeito se esvai, o que nos é mostrado pela via do inconsciente. Assim a identidade a si que garantiria a alguém pertencer à Volksgemeinschaft, (comunidade do povo, tal como a entendiam os nazistas) ao Partido Comunista, ao movimento islâmico, à Igreja Evangélica, ou grupo carismático de obediência católica se estabelece por força de uma recusa em oposição à divisão subjetiva fundamental. Essa última não desaparece completamente, mas ela é deslocada para um lugar limítrofe fronteira entre o que por direito entre o que por direito pertence ao grupo e o que já não faz parte do grupo.

Resta saber por que a identificação unificante não consegue absorver totalmente os sujeitos.

Vamos responder dizendo que o ideal de grupo graças ao qual ele seria reconhecido se faz por meio de uma renúncia às pulsões como dizia Freud, diríamos nós, renúncia à satisfação imediata ou gozo. Ora essa renúncia ao gozo alimenta o supereu e engendra sentimento de culpa. O supereu é o depositário dessas renúncias, ele contabiliza frustrações e desprazer, tanto assim que ele se manifesta frequentemente em termos de imperativo que nos diz "goza enquanto é tempo". Adotamos aqui uma formulação para o termo supereu um tanto distinta daquela habitualmente divulgada pela vulgata freudiana. Ao ser o herdeiro da solução a que se chegou com a resolução do chamado conflito edipiano, ou seja, ao incorporarmos a censura, o medo do castigo, ou aceitação da socialização, estamos na etapa seguinte onde esse supereu começa a funcionar, estamos prontos a cobrar o que foi deixado por nós por ocasião do acôrdo. Na etapa seguinte, na verdade, enfocando nossa reflexão sobre o tema da comunidade versus identificação/identidade, na etapa seguinte o referido sujeito vai lançar sobre o mais próximo desviando sobre ele o produto de seu sentimento de culpa. Com esse deslocamento fica justificada a exclusão daqueles que são culpados de todos os males que se abatem sobre o grupo, a nação. A prática política que levasse em conta a incidência da Psicanálise no campo por nós delimitado, certamente que teria uma chance de dar uma outra solução que não a aquela que se chamou tragicamente "solução final".

A com

De início, podemos assinalar o trabalho de um Georges Bataille sabendo-se que a comunidade foi um dos polos de seu pensamento, ao mesmo tempo que a questão permanecia em suspenso pois que o sujeito soberano ofuscava e prejudicava o pensamento da comunidade. Cito Bataille pois para ele a comunidade em nada n reenvia à realização fusional em alguma hipostase coletiva. Cito Bataille pois o termo sujeito não correspondia para esse autor à noção ordinária de subjetividade nem ao conceito metafísico de presença, si como subjectum da representação. Cito Bataille pois estamos longe de pregações sobre a fraternidade, personalismo humanistas para quem a intersubjetividade sempre foi apenas um alibi. Bataille este o mais próximo que se podia estar a Psicanálise, sem no entanto a ela conformar. A mesma época em que Bataille trabalhou foi marcada por posições como a de Sartre para quem o comunismo "é l' horizon indépassable de notre temps". Sartre tinha razão, pois o termo comunismo foi a bandeira que emblematiza o desejo de uma comunidade a ser encontrada para além das divisões sociais. Terminada essa época, a situação atual nos leva a admitir que há uma dissolução, uma conflagração da comunidade. Se assim é, surgem então os candidatos a ocuparem este vazio: e no primeiro lugar o sujeito do pensamento

IDENTIDADE, COMUNIDADE E A CRISE DO COMUNISMO

"A crise do comunismo" será aqui mencionada graças ao filosofema que o sustenta, que dizer "comunidade". O filosofema "comunidade" compreende aquilo que em outro nível, numa outra prática, entende-se sob o termo comunismo. Reelaboração recente a partir de textos de 1983, (vejam-se Jean-Luc Nancy, Maurice Blanchot, e na sequência Alain Badiou) nos permite retomar a questão; "comunidade" escoimada de toda figura substancial, liberada de um ideal que se realiza numa obra, não é um termo da política; ela é o ser real da justiça sob a forma de um coletivo, ela vem a ser o real do mundo.

Algum progresso feito por ocasião da presente reflexão, fornecia instrumentos para abordar uma outra questão também de atualidade, a saber, o avanço do fundamentalismo por parte de Igrejas Pentecostais, Movimentos Islâmicos, Grupos carismáticos de obediência católica. Finalmente, o nacionalismo exacerbado surgido recentemente em alguns países poderá ser examinado a luz do que for por nós conseguido. Nossa hipótese nos faz crer tratar-se de uma tarefa da

Filosofia contemporânea, esta que abre condições de possibilidade para o exame de efeitos provenientes das questões acima enumeradas.

Uma vez percorrido esse trajeto, voltaremos à questão do sujeito para indagar quem está para vir ocupar esse lugar desde sempre reservado pela Filosofia a esse personagem ora reconhecido pela sua carencia, pela sua insuficiência, ora entronizado no absoluto da sua imanência. Se a filosofia romântica sempre preferiu a segunda figura, essa imanência e do absoluto, essa mesma Filosofia sabedora ou não recusava a questão da comunidade, preferindo a esta o indivíduo, ou seja, aquele que não se divide. De fato a questão da comunidade é a grande ausente na metafísica do sujeito, este valendo aqui por indivíduo ou Estado. Referida a outros aspectos, a Psicanálise tem como enfoque um sujeito dividido, a quem não se credita reconhecimento, pois seu ponto de vista é tido como ilusório, pouco fiável. Determinado por forças que não estão sob seu controle, longe de se realizar graças a suas obras, o sujeito para a Psicanálise se apresenta sob um

aspecto bem mais em condições de reconhecer o que vamos pouco a pouco aqui estabelecendo como sendo o foco de nossa questão, a comunidade a vir.

Resta saber se esse sujeito da falta, da carência terá condições de sobreviver à crise que se anuncia e que nos anuncia um novo personagem, este não necessariamente caracterizado como um ser da falta. Afinal ao real do mundo nada falta, pelo menos quando ele nos expõe ao que temos em comum. Desde logo, podemos dizer que nosso projeto não faz do comum uma substância ou um sujeito, mas tentamos compreender a comunidade como a praxis do que se partilha. Em vez de um sujeito dividido, teríamos nessa nova etapa um sujeito raro, que acontece raramente, compacto ao surgir por ocasião de uma decisão marca da sua existência.

Encontra-se a Psicanálise na encruzilhada de onde partem as duas figuras de sujeito, a saber, 1. sujeito marcado pela falta já conhecido do público quando se aplaudiu o sucesso das teorias freudianas, 2. o sujeito que veio depois, solidário da idéia de comunidade, como resposta do real. (Célio Garcia)

A comu o co

Teríamos que forçosamente encontrar em nossa reflexão dois termos que circulam em se tratando de comunidade, a saber, comunicação e o coletivo.

A comunicação para nós consiste em partilha e na exposição à finitude e imortalidade do sujeito soberano: isto na interpelação que se revela constitutiva do ser-em-comum. Freud nos advertiu para o fato de que a "Psiquê é extensa" ela não é fechada numa forma, ela só é que ela é, graças à sua extensão. Ela só existe existindo ao que está fora. A comunicação não é um laço. A metáfora do laço social superpõe a sujeitos um realidade hipotética (a realidade do laço à qual nos esforçamos em conferir um inter-subjetividade dotada de virtudes capazes de ligar os objetos uns aos outros). Ora, a sociedade é laço e separação: o estado social nos expõe à separação, expõe o homem, expõe o homem a julgamento de seus semelhantes.

Para a Psicanálise, o emissor recebe sua própria mensagem invertida, não que consiste a comunicação. E se ele n

ade? unidade

liberal interessado em entronizar o indivíduo, afastando de vez a idéia de comunidade. Já vimos o que fazia a metafísica do sujeito toda ela comprometida com a lógica do sujeito absoluto (Si-mesmo, Vontade, Vida, Espírito) a qual por sua vez excluía o pensamento de comunidade. No entanto a comunidade acaba por se insurgir em meio a essa lógica, pois essa mesma lógica coloca em relação aquele que ela considerou absoluto. Ora uma relação entre dois absolutos acaba por comprometer a absolutidade do absoluto. A comunidade desfaz a autarquia da imanência absoluta. Assim é o próprio ser que será definido como não-absolutidade, como comunidade. Resta saber se este ser seria um ser de relação, relação aqui a ser definida frente ao absoluto, a ser definida por essa carência. Há aqui uma bifurcação: ou entendemos o ser como voltado para o que vem de fora (ser extático), sabendo-se que ele se expõe pela e na "extimidade" (onde encontramos "ext" acrescido de (int) "imidade"), vale dizer, a questão da singularidade de que se ocupa amplamente a Psicanálise. Por enquanto diríamos que em se tratando de "extase" (por oposição à imanência, presença a si) não cabe dizer que um sujeito veio ocupar este lugar, pois aí não há lugar para o sujeito. Quanto a nós, caminharemos numa outra direção. (Célio Garcia)

inicação, letivo



se dá conta do esquema, basta indagarmos "porque você quer que eu...". A isso chamamos performativos de segunda pessoa ou seja, o tu, segunda pessoa vem, a ser aquele a quem se dirige a mensagem, tornando-a efetiva, performativa. (Célio Garcia)

Identidade de um grupo nascente

JOSÉ NEWTON GARCIA DE ARAÚJO
PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA - UFMG
DIRETOR DE PSICOLOGIA CLÍNICA E SOCIAL PELA UNIVERSIDADE DE PARIS VII

Várias são as vias de acesso ao tema "Entidade e Identidade". Uma que me ocorreu, a propósito do PSIND, foi a de pensá-lo como uma instituição (ou grupo) "nascente". Em seguida, imaginei-o como um lugar de "paixões".

Conheço esse tema do "grupo nascente" de um trabalho de E. Enriquez⁽¹⁾. Sobre as paixões, P. Ansart⁽²⁾ diz que toda instituição tem um projeto racionalmente definido, mas que ela é movida sobretudo por mecanismos inconscientes. São as paixões que sustentam a ação política, sem elas nenhum projeto vai em frente.

Abro parênteses: ao lembrar tais textos, já não falo mais "a propósito do PSIND", cuja prática política e teórica passa, certamente, pelas reflexões que se seguem. Afinal, trata-se de um grupo de psicólogos, psicanalistas, etc, habituados a trabalhar suas "paixões políticas" e tendo uma certa "proximidade" com seu inconsciente. No entanto, vale comentar esse tema, pois ele tem a ver com o dia-a-dia de nossas inserções institucionais, principalmente as "inaugurais"⁽³⁾.

Vou me deter no texto de Enriquez, lembrando algumas de suas teses. Por exemplo: ele diz

ou da sociedade. Ele age como minoria atuante e funciona graças a uma forte dose de idealização, de ilusão e de crença. O seu projeto é representado com algo sagrado, uma "missão", uma "causa" a defender, à maneira de uma causa religiosa. E ainda: o grupo tenderá a acreditar que descobriu "a verdade" - seja ela uma verdade política, técnico-científica ou teórica.

A propósito: em nossos círculos acadêmicos, estamos cansados de nos deparar com "seitas" teóricas, seus membros falando um único "dialeto", sujeitados a um discurso ou cartilha, a um mesmo deus, chame-se ele Freud, Lacan, Jung, Marx, Guattari, etc. Podemos até nos perguntar: será que esse credo comum é fruto da angústia grupal, aquela mesma que Ansart situa ao nível do discurso político?⁽⁴⁾

Segundo esse autor, a adesão a um partido, a uma ideologia, não só fornece um objeto à energia pulsional, mas acaba estruturando as economias psíquicas, à maneira de um redutor da angústia. Ela leva a uma admiração recíproca - narcisicamente reforçadora - dos pares entre si, chegando mesmo a funcionar como componente terapêutico, a nível individual.

Não tomemos essas afirmações num sentido ingênuo ou pejorativo. O caso é que nenhum grupo pode escapar às "paixões". E mais: elas estão ligadas essencialmente

ao jogo do poder. Cabe a cada grupo "administrá-las", caso tome consciência delas, dosando-as ou, se for o caso, furtando-se a algumas delas - as mais perversas, talvez. Afinal, o jogo do poder não é incompatível com a ética. Sem ética é o discurso da "boa vontade" ou a prática que se diz a-política - isso é hipocrisia barata.

Volto a Enriquez: ele diz que se

o grupo é levado cegamente por suas "idealizações", isso resultará em massificação, em uma "ditadura" interna. Mas se ele for capaz de interrogar sua própria

prática, estará aberto à "democracia" interna, à pluralidade dos discursos. Mas tal pluralidade não pode deixar ir água abaixo o essencial do projeto comum. Pois se o grupo que sobreviver, ele não pode renunciar ao seu projeto, ao seu desejo de poder, bem como ao enfrentamento dos grupos rivais.

Não vou aqui esgotar o tema em questão. E para terminar volto ao PSIND. E pergunto, à maneira de um leitor desavisado que leu alguns "Informativos" do Sindicato: é possível falar de identidade numa entidade que insiste (em demasia?) no discurso sobre o novo, sobre o instituinte, contra o instituído? A obsessão pelo novo não seria uma armadilha, uma busca mortífera da repetição? Eu arriscaria aqui o seguinte: o que talvez todos desejemos é que o PSIND encontre sua identidade, perdendo-a continuamente, na dialética instituinte-instituído. Pois o instituído não coincide necessariamente com o espírito de grupo burocratizado, reificado, no sentido sartreano⁽⁵⁾ do termo. E aqui vai um voto: que o PSIND não perca o que nele arde como idealização, ilusão e crença - que ele mantenha sua força "desviante", pois isso é fazer política com paixão. E que sua "revolução" se sustente na elaboração cotidiana ("molecular?"), rotineira e laboriosa, do que ele mesmo tentar instituir.

1 - Cf. ENRIQUEZ, Eugene. Le lien groupal.

In: Bulletin de Psychologie. Tomo XXXVI, nº 360: 631-637, 1983. Esse artigo faz parte de uma coletânea de textos psicossociológicos, a ser lançada brevemente pela Editora Vozes e intitulada: Psicossociologia - Análise Social e Intervenção.

2 - Cf. ANSART, P. - La gestion des passions politiques. Lausanne, Ed. L'Âge d'Homme, 1983.

3 - Refiro-me ao "inaugural", lembrando uma passagem recente da revista "IstoÉ", nº 1294, de 20/07/94, p. 83, sobre o nascente movimento psicanalítico: "... os primeiros movimentos de Freud, arregimentando e treinando discípulos, têm a vitalidade, a ingenuidade e a confusão das coisas inaugurais".

4 - ANSART, P. "Discours politique et reduction de l'angoisse". In: Bulletin de Psychologie, n. 322, tomo XXIX, 1976, p. 445-449.

5 - Cf. SARTRE, J. P. Critique de la raison dialectique, Paris, Gallimard, 1960.

Entidade como Identidade?

ÍTALO JORGE FURLETTI
PSICÓLOGO
ASSESSOR POLÍTICO DO PSIND-MG

É a entidade que cria a identidade para a categoria, ou a categoria que cria sua própria identidade?

Responder a essa pergunta olhando para os psicólogos torna-se inviável devido ao fato das entidades representativas (sindicatos e conselhos) e os psicólogos, não possuírem "corpo-imagem" e nem um vínculo libidinoso capaz de fermentar suas ações. Merece aqui abrir um espaço à parte para os conselhos: estes tem esses aspectos mais delimitados (sem deixarem de serem amorfas); porém são órgãos dos psicólogos, mantidos pela categoria, a serviço do Estado - encarregados de fiscalização e orientação para proteger a sociedade contra os maus profissionais - possuem um caráter cersidor na empreitada de desenvolvimento da categoria.

Para discutir esta questão, usarei emprestado alguns recursos teóricos para exemplificar minha visão da categoria dos psicólogos que funciona mais como um aglomerado de pessoas sem objetivos comuns, com fraca ou nenhuma perspectiva de coletivo - tento até justificar isso devido ao trabalho de caráter introspectivo que perdura na maior parte da categoria.

Quando no interior da categoria há formação de grupo fundido, ocorre de forma micro com formação de "guetos" ou "igrejinhas" que se colocam à parte da categoria como um todo. A categoria dos Psicólogos devido a falta de identidade não conseguem fusão nem mesmo sobre o óbvio: psicólogo, profissional de saúde independente da área de atuação. Quer dizer, não conseguindo um objetivo comum correspondente a uma questão básica de sua identidade, quanto mais difícil será ser protagonista da história - intervindo no social. O que ela consegue é seguir modelos estabelecidos ou impostos para manter a ordem social. Nesse paradigma, se encaixa perfeitamente a definição de "massa" estabelecida por Jean Baudrillard em seu livro "A Sombra das Maiorias Silenciosas": massa é sem atributo, sem predicado, sem qualidade, sem referência... a massa é o que resta

quando se esqueceu tudo do social... não refletem o social, nem se refletem no social - é o espelho do social que nelas se despedaça... As massas não são mais um referente, por que não tem mais natureza representativa. Elas não se refletem, são testadas... não visam mais um referente, mas um modelo.

Não há forma de representar uma maioria silenciosa que consegue apenas manifestar seu mal-estar. Sendo ela infantilizada a tal ponto de não possuir mecanismo de projeção capaz como grupo de depreciar ou rejeitar a entidade. Elevado passo seria a consciência de Pitágoras. "O homem é a medida de todas as coisas" - seguindo o comentário de Alain Guilerm e Yvon Bourdet em "Autogestão: uma mudança radical"... por conseguinte, Pitágoras suspeitou que as divindades nada mais são que projeções do homem, ele compreendeu ao mesmo tempo que cada homem trás em si mesmo a humanidade inteira, e que a sorte da humanidade está nas mãos de todos os homens. Acaba a prece e começa a praxis.

A tomada de consciência da autonomia do destino dos homens se manifesta na rerepresentação do homem através de uma ligação de sua pulsão libidinoso.

De qualquer forma, cabe às entidades escutar o clamor do mal-estar. O Sindicato dos Psicólogos indaga: como criar uma demanda? como criar autonomia a uma categoria?

"A massa só é massa porque sua energia social se esfriou. É um estoque frio, capaz de absorver, e neutralizar todas as energias quentes" (Guilerm e Boudet).

O caminho que o PSIND-MG encontra para a resolução desse problema passa pela ÉTICA, não a ética instituída que norteia a conduta - pelo momento que passamos, um ETHOS não é tão importante assim. Caberia aqui um discurso planfletário que abrisse as portas para o novo, para o ousado, para o estabelecimento da categoria dos psicólogos. Necessitamos de uma ÉTICA que fundamente a prática, que busque arcabouço teórico para compreender a conduta, ou seja, uma ÉTICA INSTITUINTE para viabilizar a identidade PSI na formação conjunta - entidade/categoria.

Kieslowski: difícil igualdade

PSIND CINEMA

RÔMULO PAES
MÉDICO/EDITOR

PROFESSOR DA FACULDADE DE MEDICINA DA UFMG

Envelhecer é fazer inimigos: eis uma das faces do universo de Kieslowski. Principalmente, quando são atingidas as regiões da alma sensíveis aos menores traumas: o amor e o orgulho.

Os antecedentes históricos e literários são muitos. O orgulho ferido de Ajax leva, o herói mitológico grego, a querer degolar os príncipes gregos, Agamenon e Menelau Salomé, de Oscar Wilde, pediu a cabeça de João Batista porque recusara um beijo seu.

É no carrossel de espelhos em que se confundem o amor recusado e o orgulho ferido que Kieslowski abre sua lente em "A Igualdade é Branca".

É claro que na universal parábola da mulher que nega. Há a recusa histórica da Europa rica em aceitar a Europa molamba do leste.



caso, pode liberar explosões gigantescas de intolerância étnica, nacional ou religiosa.

Na dimensão individual, tudo é mais simples, mais humano.

O marido traído fiel a sua memória humilhada, tece sua vingança. Como na tragédia grega, não basta o desagravo, é preciso por de joelhos os ofensores.

É exatamente esse o argumento mais cruel do filme: a igualdade vem através do fracasso, da inépcia, do sofrimento.

Não há romantismo na lógica amorosa de Kieslowski nem o conforto do improvável "establishment" de Kafka. Tudo é muito verdadeiro, muito atual.

O filme é portanto obrigatório, por checar nos pressupostos ético-morais nossa percepção positiva da "égalité blanche".

27 DE AGOSTO DIA DO PSICÓLOGO

PALESTRA

IDENTIDADE E GRUPO

♦ GREGÓRIO F. BAREMBLITT

♦ 25.8.94 ☞ 20 HORAS

♦ CÉLIO GARCIA

♦ 26.8.94 ☞ 20 HORAS

LOCAL ☞ CASA DO JORNALISTA

Av. Álvares Cabral, 400 - Centro - ENTRADA FRANCA

FILME

A LIBERDADE É AZUL. O grande cineasta polonês K. Kieslowski é autor da trilogia A Liberdade é Azul, A Igualdade é Branca e Rouge. Filmes de riqueza psicológica e abordagem do social com inspiração na Revolução Francesa - é simbólico o azul, o branco e o vermelho de seus três filmes. Não percam no dia 28.8.94, A Liberdade é Azul com comentário de Rômulo Paes, às 19 horas. Local: Associação Médica de Minas Gerais - Avenida João Pinheiro, 161. ENTRADA FRANCA PARA PSICÓLOGOS EM DIA COM O PSIND

NÚCLEO DE PSICANÁLISE ESTUDOS E PRÁTICAS INSTITUCIONALISTAS

Rua Dr. Alípio Goulart, 26 - Serra
Belo Horizonte - MG - CEP: 30220-330

CURSOS OFERECIDOS

■ Psicanálise ■ Análise Institucional (Esquizoanálise) ■ Grupo Operativo ■ Kohut ■ Filosofia ■ Lacan ■ Fóruns da Clínica ■ Crianças, Adolescentes e Famílias

INFORMAÇÕES NA SECRETARIA DO NÚCLEO

CONVIDAMOS para o Seminário inaugural do 2º semestre de 1994. Dia 20.8.94, às 9:00 horas na sede do Núcleo. ENTRADA FRANCA

ALUGAM-SE SALAS, NO BAIRRO SERRA, PARA TERAPEUTAS, FISIOTERAPEUTAS, E OUTROS PROFISSIONAIS, TRATAR NO FONE: 221-8471

A Psicologia e a Ideologia no Trabalho em Comunidades

O PSIND-MG está ajudando a promover a 2ª Semana de Psicologia Política. Nesse encontro pretende-se localizar as temáticas específicas da Psicologia Comunitária, como por exemplo, a relação com pequenos grupos marginalizados, as questões ligadas ao trabalho no subproletariado, a organização política das comunidades, o papel das lideranças, etc. Aguardem. De 17 a 21 de outubro de 1994.

CURSO

PSICOLOGIA JUNGUIANA
"ANÁLISE DOS SONHOS"
INÍCIO - 20.8.94 - TÉRMINO - 10.12.94
AULAS QUINZENAIS
Ministrador: ÍTALO FURLETTI
INFORMAÇÕES: 491-2297 OU 227-4579

psicoinforma
IMPRESSO